

O mirandês face ao português e ao castelhano
Elementos para uma breve caracterização linguística e sociolinguística
de um idioma minoritário

CRISTINA MARTINS
 Universidade de Coimbra
 crismar@fl.uc.pt

1. Introdução

«A minority language lives in the shadow of a culturally dominant language (...)
 [and] bilingualism is characteristic of its speakers»
 (J. M. Y. Simpson, 1994: 2505)

O mirandês, implantado numa área geográfica com cerca de 500 km² compreendendo o concelho português de Miranda do Douro e uma parte do de Vimioso no distrito de Bragança, junto à fronteira com Espanha, constitui-se como uma das actuais sobrevivências do hoje muito fragmentado grupo neo-latino asturo-leonês¹.

Dado o seu estatuto minoritário e o bi- ou mesmo trilinguismo que caracteriza as comunidades em que é falado, compreende-se em que medida a tarefa de descrever a situação sociolinguística do idioma implica uma análise da sua relação com a língua dominante (e maioritária) com a qual mais íntima e sistematicamente convive no mesmo espaço geográfico e social: o português. Mas, no caso particular do mirandês, essa mesma descrição não dispensará um olhar sobre a forma como este se relaciona com o castelhano, língua maioritária do país vizinho, não autóctone da Terra de Miranda, mas que, ainda assim, nela marca uma presença relevante.

A importância de se observarem as relações que subsistem entre o mirandês e os idiomas maioritários referidos não se esgota, no entanto, na caracterização da situação sociolinguística da língua minoritária. Na verdade, será também na avaliação da identidade linguístico-estrutural do mirandês que se revelará a pertinência de considerarmos tais ligações, já que os três idiomas, todos neo-latinos e implantados em espaços geográficos contíguos, partilham um percurso histórico-linguístico com múltiplos laços comuns.

¹ Sobre as razões de implantação do asturo-leonês em Portugal pronunciaram-se, até hoje, Menéndez Pidal (1962) e Herculano de Carvalho (1973), defendendo, cada um, diferentes teses que não serão, ainda assim, mutuamente exclusivas. Neste sentido, registre-se que o filólogo espanhol procurou sobretudo realçar o que considera ser o carácter muitíssimo antigo e multissecular da relação entre a área de implantação do asturo-leonês em Portugal e a região vizinha a Oriente, evocando fontes documentais que sugerem que essa estreita ligação remonta pelo menos ao período de domínio romano. A tese, em síntese, é a de que, não só esta área esteve, no período de dominação romana, sob a jurisdição do convento jurídico de *Asturica Augusta* (e não do de *Bracara Augusta*), como a Igreja de Bragança pertenceu, concretamente entre os séculos VIII e XII, à diocese de Astorga (Menéndez Pidal, 1962: 20). Já Herculano de Carvalho, por seu turno, permitindo-se duvidar da consistência das fontes sobre as quais Menéndez Pidal ergue a sua tese, prefere antes apontar o papel decisivo que, em seu entender, para esta mesma implantação terá tido a colonização leonesa da região em causa, empreendida entre os séculos XIII e XV e documentada através das Inquirições de D. Afonso III. Seja como for, o que qualquer uma das teses apresentadas permite estabelecer é que falares asturo-leoneses cedo se enraizaram no Nordeste de Portugal, aí se conseguindo manter durante vários séculos, até aos dias de hoje.

Dito isto, procuraremos, neste trabalho, congregiar os dados essenciais para o conhecimento do mirandês não só enquanto entidade linguístico-estrutural (§3), mas também enquanto realidade social (§2), e fá-lo-emos levando em linha de conta as relações que, a diversificados níveis, este estabelece com o português e com o castelhano.

2. Dados sociolinguísticos

Tal como atrás aludimos, a Terra de Miranda caracteriza-se pelo carácter bilingue, ou mesmo, em certos casos, trilingue das suas povoações. Nas localidades, todas rurais, em que o idioma minoritário subsiste, este convive com a crescentemente influente língua portuguesa. Em algumas dessas aldeias, mormente as que se localizam junto à raia seca, os habitantes conhecem e usam, para além dos idiomas referidos, também o castelhano. Na cidade de Miranda do Douro, sede do concelho em que se concentra a esmagadora maioria das aldeias em que o mirandês sobrevive², o idioma minoritário tem uma vitalidade muito residual. Na verdade, e de acordo com a investigação documental realizada por Leite de Vasconcelos (1900: 105-165), o desaparecimento do mirandês na cidade ter-se-á consumado entre os séculos XVII e XVIII, circunstância que faz com que o português hoje aqui coexista, não propriamente com a língua minoritária, mas com o castelhano.

À semelhança do que sucede nos casos conhecidos de bilinguismo comunitário, também neste, cada um dos idiomas conviventes desempenha diferentes funções comunicativas. De entre os três idiomas operantes na Terra de Miranda, dir-se-á que o castelhano é aquele cuja funcionalidade se apresenta mais clara e, deste modo, mais fácil de caracterizar. Com efeito, nesta região de contacto interlinguístico, a utilização do castelhano cinge-se, tão somente, às trocas verbais que envolvam interlocutores espanhóis. Assim é nas aldeias raianas, nas quais as relações sociais (e muitas vezes também familiares) com espanhóis são intensas, e assim é também na cidade de Miranda do Douro, na qual o castelhano se apresenta, antes de mais nada, como um instrumento ao serviço da actividade comercial aí desenvolvida, praticamente toda ela talhada para a clientela oriunda do país vizinho. Dito isto, e sem deixar de salvaguardar a proximidade geográfica, histórica e até afectiva que liga os mirandeses aos falantes do castelhano, esta língua é sentida, na Terra de Miranda, como o idioma “do outro”, não autóctone e inequivocamente estrangeiro. Nestas condições, o castelhano não compete, nas comunidades locais em que é mais sistematicamente utilizado, nem com o mirandês, nem com o português, uma vez que preenche uma função sociocomunicativa autónoma e bem determinada (i.e., o estabelecimento de interacções verbais com falantes espanhóis) para a qual nenhuma das outras duas línguas está particularmente vocacionada. A relevância deste facto para a avaliação do futuro do castelhano nesta região trasmontana não deverá ser subestimada: tanto

² O mirandês subsiste em praticamente toda a área rural do concelho de Miranda do Douro, assim como nas aldeias de Angueira e Vilar Seco, hoje pertencentes ao vizinho concelho de Vimioso (cf. António Maria Mourinho, 1987: 76-77).

quanto cremos, é esta posição exógena e de não competição com os demais sistemas linguísticos em presença que garantirá longevidade ao castelhano neste particular contexto de contacto de línguas.

O cenário altera-se substancialmente quando se considera a situação do português e do mirandês na Terra de Miranda. Para começar, nenhum dos idiomas referidos é sentido como “estrangeiro”: o primeiro é reconhecido como a língua nacional comum, cuja presença na região se regista há longos séculos; o segundo, cujo carácter autóctone é, para os seus falantes, óbvio, ostenta, para além do mais, o estatuto de idioma estritamente local, assumindo-se como símbolo de uma identidade que individualiza os mirandeses face aos demais portugueses. Depois, e em função desta natureza endógena comum ao português e ao mirandês, podemos dizer que, pelo menos num primeiro nível de análise da organização funcional dos recursos verbais nestas comunidades plurilingues, as duas línguas formam uma unidade que, em bloco, se opõe ao castelhano. Através destas observações, compreende-se em que medida a dilucidação das funcionalidades simbólicas e sociais do mirandês e do português requer que abordemos os dois idiomas a par e em conjunto.

Partamos, para o efeito, de um quadro de funções muito básico. Nesta linha, esclareçamos que, para a generalidade dos que ainda são bilingues activos, o mirandês, idioma minoritário, funciona como o que na bibliografia especializada se costuma designar uma língua “L(ow)”, i.e., é usado nas interacções verbais informais e familiares e é receptáculo do conjunto de valores sentidos como próprios do grupo igualmente minoritário que o usa. O português, por seu turno, e dado o seu estatuto maioritário/dominante, é a língua “H(igh)”, i.e., a que impera nas interacções verbais caracterizadas por um certo grau de formalidade como as que costumam decorrer em cenários institucionais como a escola, a igreja e a administração³.

Assim, e sendo certo que a prolongada sobrevivência do mirandês em território que está, desde o século XII, politicamente integrado em Portugal muito se fica a dever à durabilidade daquela organização funcional dos idiomas em contacto⁴, a verdade é que, no momento em que escrevemos, este quadro requer que lhe façamos significativos ajustes.

³ Estes casos em que cada idioma (ou variedade linguística) desempenha um papel claro, não competindo com o/(a) outro/(a) para as mesmas funções comunicativas configuram situações de “diglossia” (cf. Charles Ferguson, 1959).

⁴ Na realidade, a tão longa sobrevivência de uma variedade asturo-leonesa em Portugal requer a ponderação de circunstâncias variadas. De entre uma constelação de factores objectivos a considerar, muitos dos investigadores que se têm dedicado ao estudo do mirandês têm destacado o fulcral papel desempenhado pela localização geográfica periférica da área de implantação do idioma. Acrescente-se que os efeitos de marginalização e de isolamento da região em relação ao resto de Portugal não deixaram de ser acentuados por uma incipiente e degradada rede de transportes e de comunicação que só mesmo no fim do século XX conheceu algumas melhorias. Consequências duradouras destes condicionalismos, encontramos-nas, naturalmente, nos planos demográfico, económico e sociocultural. Algumas serão (i) a pouca densidade demográfica já crónica na região; (ii) o predomínio de um modelo económico vocacionado para a auto-subsistência, fortemente sustentado pela actividade agro-pastoril, no qual, ainda hoje, o peso da indústria é insignificante e para o qual apenas o pouco diversificado comércio circunscrito à cidade de Miranda do Douro também contribui; (iii) os séculos de analfabetismo massivo que, na actualidade, e apesar da melhoria registada no último terço do século XX, deram lugar a uma situação ainda dominada pelos baixos níveis de escolarização formal e de formação profissional especializada da maioria dos mirandeses. Os factos aduzidos permitem concluir que desde sempre imperaram, na área de implantação do mirandês, pequenos aglomerados populacionais, marcados pela escassa mobilidade social e geográfica dos seus habitantes e caracterizados por uma vivência comunitária bastante mais voltada para dentro do que para o

Em primeiro lugar, é necessário considerar o actual estado de pré-extinção a que, por falta de intervenção atempada, o mirandês foi sendo paulatinamente conduzido. Em alguns trabalhos anteriores (Cristina Martins, 1994a, 1994b, 1997 e 2003) temos dado conta das múltiplas manifestações deste processo de substituição do mirandês pelo português actualmente em curso nas comunidades rurais da Terra de Miranda, bem como dos factores, não só objectivos, mas também subjectivos, que contribuirão para a sua explicação. Concluimos, nesses trabalhos, que particularmente decisiva para a compreensão desta problemática se afigura a observação da distribuição dos falantes activos do mirandês por estratos etários, bem como da distribuição das línguas “H” e “L” por domínios de interacção verbal. Ora, tal análise, sustentada em dados que colhemos *in loco* ao longo da década de noventa do século XX, atesta que as crianças mirandesas em idade escolar deixaram de funcionar como interlocutores efectivos em praticamente todas as interacções verbais que decorram na língua minoritária. Quer isto dizer que, embora ainda expostas ao mirandês na comunidade, ouvindo-o aos adultos mais idosos (que o usam não só entre si, mas com os seus próprios filhos, esses que são pais das crianças em idade escolar a que nos referimos), as crianças da Terra de Miranda deixaram, de uma maneira geral, de (poder) ser falantes do idioma. São ouvintes, tendo em relação à língua minoritária um conhecimento no mínimo passivo, mas não são activos utentes⁵. Este facto denuncia quão avançada está a substituição da língua minoritária pela maioritária no seio das famílias mirandesas. Perdeu, pois, neste momento, inteira actualidade a famosa afirmação de Leite de Vasconcelos (1900: 12) segundo a qual o mirandês seria a língua «do lar, do campo e do amor».

Para o estado de coisas descrito muito contribuíram as três últimas décadas do século XX, durante as quais se acentuaram os sentimentos de rejeição do mirandês na sua qualidade de símbolo de uma baixa condição social e de um *modus vivendi* rural⁶. Com a frieza de análise possível, admitamos que terá sido, e algo paradoxalmente, a democratização da sociedade permitida pelo 25 de Abril de 1974 o motivo próximo mais determinante para a agudização das atitudes linguísticas negativas dos mirandeses em relação à sua língua local. Não esqueçamos que esta abertura, materializada a vários níveis, teve como um dos seus expoentes essenciais o generalizado acesso das crianças portuguesas ao sistema de ensino. Ora, este novo e redobrado peso da escola (cuja língua veicular é, não o esqueçamos, o

exterior. Contudo, neste jogo, terão igualmente desempenhado um papel decisivo factores de outra ordem. Veja-se: «o idioma minoritário apresentou-se para os seus utentes, durante séculos, como um recurso linguístico indispensável e comunicativamente relevante, o mais capaz de conferir determinados valores e sentidos aos enunciados e o mais apto para simbolizar certo tipo de relações sociais entre os interlocutores bilingues. O valor simbólico e social comportado pelo idioma minoritário face ao maioritário decorre, já se vê, das atitudes linguísticas de que foi sendo alvo. Dito isto, julgamos plausível propor que o mirandês sobreviveu até aos nossos dias não só porque conviveu com o português numa situação de *diglossia* prolongada, mas também porque em relação a ele foram nutridas, em épocas históricas diferentes, atitudes linguísticas favoráveis» (Cristina Martins, 1994b: 154).

⁵ Os dados muito recentes por nós recolhidos em diversas escolas de ensino básico do concelho de Miranda do Douro corroboram esta afirmação (cf. Cristina Martins, 2003).

⁶ Ainda assim, e em conformidade com o que ficou dito no final da nota 4, é necessário compreender que as atitudes nutridas pelos mirandeses em relação à sua língua local serão tudo menos lineares. Na verdade, «tomados pela vontade de ascensão e melhoria da sua condição social, os falantes repudiam a língua minoritária; necessitando dela para marcar relações de solidariedade intragrupal e, deste modo, veicular determinados valores discursivos, acarinham-na» (Cristina Martins, 1997: 23).

português) na vida das famílias tornou nítido, aos olhos dos mirandeses, quão limitadas seriam as hipóteses de progressão social aos que não investissem na melhoria das suas capacidades de adequadamente comunicar, oralmente e por escrito, em português. Dominados por um equívoco, o de que o conhecimento do mirandês, dada a sua semelhança estrutural com a língua maioritária, mais não faria senão ameaçar a consolidação do conhecimento do português nas crianças expostas a este “input” bilingue⁷, os pais mirandeses encontraram o bode expiatório ideal para justificar o abandono do uso da língua minoritária com os filhos.

É este, pois, o pano de fundo sobre o qual, já no final do século XX, surgem os primeiros sinais de um tímido processo de requalificação simbólica da língua minoritária. Recorrendo a um critério cronológico, há a assinalar, em primeiro lugar, a introdução, no ano de 1986, do mirandês no sistema de ensino, apenas como disciplina opcional extracurricular, mas, e em todo o caso, na instituição que, como atrás defendemos, muito contribuiu (mesmo que indirecta e não intencionalmente) para a despromoção social e simbólica do idioma. Seguiu-se, cerca de uma década depois, i.e., em 1995, a construção de uma proposta de convenção ortográfica para a língua minoritária, documento preparatório da actual *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* (Manuela Barros Ferreira e Domingos Raposo, coord., 1999).

Admitimos, no entanto, que o evento mais relevante deste movimento de requalificação simbólica terá sido o reconhecimento legal dos direitos linguísticos dos mirandeses concretizado através da actual lei 7/99 de 29 de Janeiro. Num trabalho sobre os reflexos deste acto legislativo na situação sociolinguística do mirandês (Cristina Martins, 2002), concluímos que foi, sobretudo, através do alargamento da presença do idioma minoritário no sistema de ensino que os efeitos desta promoção legal mais se fizeram sentir. Na verdade, de disciplina opcional extracurricular oferecida apenas aos alunos dos 5º e 6º anos de escolaridade da Escola EB2 de Miranda do Douro, o mirandês passou, nos anos imediatamente subsequentes à publicação do diploma legal, a ser oferecido, enquanto matéria escolar (mantendo, embora, o mesmo estatuto opcional e extracurricular), a mais alunos a frequentar outros níveis de ensino em diversas localidades do concelho de Miranda do Douro. Iniciaram-se, para além do mais, acções educativas orientadas para públicos adultos, quer para não-mirandeses, quer ainda para os que, falantes activos, desejavam agora aprender a escrever na sua língua local⁸. Acrescente-se ainda que, a somar ao maior peso do idioma no sistema de ensino, o reconhecimento legal dos direitos linguísticos deste grupo minoritário proporcionou a estreia absoluta do mirandês em alguns domínios, como os da escrita científica, da imprensa e da música “rock”⁹, até então exclusivos do português.

⁷ Trata-se de um equívoco efectivo, facto que pudemos comprovar através da investigação experimental desenvolvida no quadro da nossa dissertação de doutoramento (cf. Cristina Martins, 2003: cap. 4 e 5).

⁸ Este crescente acesso à escrita explicará a explosão editorial a que se assistiu a partir de 2002, bem como o entusiasmo com que numerosos mirandeses têm vindo a contribuir, com os seus textos em mirandês, para a imprensa regional (vd., nomeadamente, os jornais *Nordeste* <<http://www.jornalnordeste.com>> e *Mensageiro de Bragança* <<http://www.mensageiro-de-braganca.pt>>).

⁹ Para uma visão panorâmica destas novas funcionalidades do mirandês, cf. o extenso quadro I apresentado em Cristina Martins (2002: 48-54) e consulte-se a informação disponível in <<http://mirandes.no.sapo.pt>>.

3. Identidade linguístico-estrutural

Descrita a situação sociolinguística das comunidades em que o mirandês ainda hoje entra em contacto quer com o português, quer com o castelhano, detenhamo-nos agora na observação da individualidade linguística do idioma minoritário, decorrente da sua identidade asturo-leonesa.

A filiação do mirandês no grupo idiomático asturo-leonês, sugerida pela primeira vez no fim do século XIX por Leite de Vasconcelos (1882), foi definitivamente estabelecida em 1906 por Menéndez Pidal (1962: 19-20) com base num conjunto de critérios linguísticos, dos quais destacaremos alguns traços fónicos que atribuem feição leonesa ao idioma e o inscrevem, mais especificamente, na variedade que este último filólogo designou leonês ocidental. Apresentando-se como uma peça do *continuum* românico pensinsular, o mirandês define-se, deste modo, ora por afinidades, ora por divergências relativamente aos idiomas que ocupam os territórios geograficamente contíguos àquele em que ele próprio se encontra implantado. A fim de ilustrar isto mesmo, observem-se os quadros I, II e III¹⁰ nos quais damos conta, no restrito plano fónico, de algumas dessas afinidades e divergências quer em relação ao português¹¹, quer em relação ao castelhano.

Quadro I
Afinidades entre o mirandês e o português vs. o castelhano: aspectos fónicos¹²

Latim	Português	Mirandês	Castelhano
CL-, PL-, FL- CLAMAR, PLENU-, FLAMA-	[t] ¹³ <i>chamar, cheio, chama</i>	[t] <i>chamar, cheno, chama</i>	[ʎ] <i>llamar, lleno, llama</i>
F- FACERE	[f] <i>fazer</i>	[f] <i>fazer</i>	[ø] <i>hacer</i>
-CT-, -(U)LT- LACTE-, MULTU-	[jt] <i>leite, muito</i>	[jt] <i>lheite, muito</i>	[t] <i>leche, mucho</i>
-LI-, -C'L- FILIU-, APIC(U)LA-	[ʎ] <i>filho, abelha</i>	[ʎ] <i>filho, abelha</i>	[χ] <i>hijo, abeja</i>
-X- ([ks]) COXU-	[] <i>coxo</i>	[] <i>coxo</i>	[χ] <i>cojo</i>
-MB- LAMBERE	preservação da forma latina <i>lamber</i>	preservação da forma latina <i>lhamber</i>	[m] <i>lamer</i>
AI (secundário) LACTE-, PRIMARIU-	[ej] ¹⁴ <i>leite, primeiro</i>	[ej] <i>lheite, prumeiro</i>	[ε] <i>leche, primero</i>

¹⁰ Para a construção destes quadros recorremos, entre outras, às seguintes fontes principais: Leite de Vasconcelos (1882, 1900 e 1901a), Herculano de Carvalho (1957), Zamora Vicente (1960), Menéndez Pidal (1962 e 1968), Maria José Moura Santos (1967), Clarinda Maia (1986 e 1996), Manuela Barros Ferreira e Ana Maria Martins (1987), Luísa Segura da Cruz, João Saramago e Gabriela Vitorino (1994) e Manuela Barros Ferreira (1995).

¹¹ Os traços fónicos aqui apresentados como característicos do português são-no, igualmente, do galego.

¹² Os exemplos ilustrativos dos fenómenos fónicos apresentados nos quadros são dados na forma ortográfica. No que concerne aos exemplos mirandeses, a forma utilizada segue a *Convenção ortográfica da língua mirandesa* (Manuela Barros Ferreira e Domingos Raposo, coord., 1999).

¹³ No português padrão, [t] > [].

¹⁴ No português padrão, nomeadamente aquele que se fala em Lisboa, a realização deste ditongo é [ɐj].

AU (primário e secundário) <i>AURU-</i> , <i>ALTERU-</i>	[ow] ¹⁵ <i>ouro</i> , <i>outro</i>	[ow] ¹⁶ <i>ouro</i> , <i>outro</i>	[ɔ] <i>oro</i> , <i>otro</i>
---	--	--	---------------------------------

Quadro II

Afinidades entre o mirandês e o castelhano vs. o português: aspectos fónicos

Latim	Português	Mirandês	Castelhano
-L- <i>PILA-</i>	[ø] <i>pia</i>	[l] <i>pila</i>	[l] <i>pila</i>
-N- <i>LUNA-</i>	[ø] <i>lua</i>	[n] <i>lhuna</i>	[n] <i>luna</i>
-LL- <i>GALLU-</i>	[l] <i>galo</i>	[ʎ] <i>galho</i>	[ʎ] <i>gallo</i>
-NN-, -MN- <i>CAPANNA-</i> , <i>DAMNU-</i>	[n] <i>cabana</i> , <i>dano</i>	[ɲ] <i>cabanha</i> , <i>danho</i>	[ɲ] <i>cabaña</i> , <i>daño</i>
Õ em sílaba tónica <i>PORTA-</i>	[ɔ] <i>porta</i>	[wo] ¹⁷ <i>puorta</i>	[we] <i>puerta</i>
Ë em sílaba tónica <i>PETRA-</i>	[ɛ] <i>pedra</i>	[je] ¹⁸ <i>piepra</i>	[je] <i>piedra</i>

Quadro III

Especificidades fónicas leonesas registadas em mirandês (vs. o português e o castelhano)

Latim	Português	Mirandês	Castelhano
L- <i>LUNA-</i>	[l] <i>lua</i>	[ʎ] ¹⁹ <i>lhuna</i>	[l] <i>luna</i>
Ë em formas do verbo ser <i>EST</i>	[ɛ] <i>é</i>	[je] <i>yê</i>	[ɛ] <i>es</i>

Para além destes traços fónicos, saliente-se ainda que o mirandês apresenta um sistema constituído por dois pares de segmentos fonológicos sibilantes alveolares, dois pré-dorsais (/s/ e /z/) e dois apicais (/ʃ/ e /ʒ/), sendo que os termos de cada par contrastam entre si através do traço [±vozeado]. Como observam vários investigadores, este facto claramente identifica o mirandês com o português setentrional²⁰, afastando-o quer do castelhano e do galego, quer ainda dos demais falares asturo-leoneses, já que em todos estes se registam apenas consoantes sibilantes não vozeadas.

¹⁵ No português padrão, [ow] > [o].

¹⁶ É a coexistência da manutenção dos ditongos [ej] e [ow] e do resultado ditongado de /Ë/ e /Õ/ tónicos latinos o critério utilizado por Menéndez Pidal (1962: 30) para delimitar o leonês ocidental face às variedades vizinhas: «llamaremos dialecto leonés occidental a aquel que pronunciando *tierra* y *cuervo*, pronuncia a la vez *caldeiro* y *outro*».

¹⁷ Hoje, no entanto, já se assiste, no mirandês, a uma oscilação entre este ditongo e uma vogal resultante de monotongação com um timbre que se situa entre as vogais [+recuadas; +arredondadas] portuguesas [u] e [o]. Em sendinês, variedade meridional do mirandês falada na vila de Sendim, Õ > [u] (para uma caracterização sintética do sendinês, cf. Manuela Barros Ferreira, 1994).

¹⁸ Embora em mirandês a forma corrente seja [je], regista-se uma tendência para uma vogal monotongada com timbre entre os [i] e [e] portugueses. No sendinês, Ë > [i]. Em algumas formas do mirandês (*Dius*, *miu*), ie > i, fenómeno que também ocorre em castelhano, embora não necessariamente nos mesmos contextos.

¹⁹ A palatalização da lateral inicial latina (um fenómeno partilhado pelo aragonês) não ocorre na variedade sendinês do mirandês; nesta o resultado coincide com a solução portuguesa e castelhana. Já à patalização de N- inicial latino, especificidade do leonês, ficou o mirandês imune (cf. Menéndez Pidal, 1962: 69).

²⁰ No português padrão não se registam as consoantes sibilantes apicais.

Os traços descritos bastariam, certamente, para ilustrar em que medida a individualidade estrutural do mirandês, enquanto variedade asturo-leonesa, se desenha a partir da sua posição “intermédia”. Com efeito, e salvaguardadas as especificidades registadas no quadro III, os quadros I e II permitem evidenciar como essa identidade resulta da presença simultânea das características que mais o aproximam do português (e do galego), afastando-o do castelhano, e das que mais o identificam com o castelhano, distanciando-o do português. Ora, é também no plano da morfologia flexional que este mesmo padrão emerge, como a análise dos paradigmas dos artigos, dos pronomes e dos verbos regulares deixa perceber.

Atenda-se, pois, e antes de mais, aos seguintes quadros nos quais se apresentam os pronomes pessoais, os pronomes/determinantes possessivos, bem como os artigos definidos e indefinidos mirandeses, em contraste com as formas portuguesas e castelhanas correspondentes.

Quadro IV
Pronomes pessoais²¹ em português, mirandês e castelhano

PN	Formas de sujeito			Formas de obj. directo			Formas de obj. indirecto		
	Port.	Mir.	Cast.	Port.	Mir.	Cast.	Port.	Mir.	Cast.
1ª sing.	eu	you	yo	me	me	me	me	me	me
2ª sing.	tu	tu	tú	te	te	te	te	te	te
3ª sing.	ele/ela	el/eilha	él/ella	o/a	lo, l/la	lo, le/la	lhe	le ²²	le
1ª pl.	nós	nós	nosotros/ nosotras	nos	mos	nos	nos	mos ²³	nos
2ª pl.	vós	bós ²⁴	vosotros/ vosotras	vos	bos	os	vos	bos	os
3ª pl.	eles/elas	eilhes/ eilhas	ellos/ellas	os/as	les, los/ las	los/las	lhes	le, les	les

Quadro V
Pronomes/determinantes possessivos em português, mirandês e castelhano

PN	Português	Mirandês	Castelhano
1ª sing.	meu/meus minha/minhas	miu/mius mie/mies	mío/míos mía/mías
2ª sing.	teu/teus tua/tuas	tou/tous tue/tues	tuyo/tuyos tuya/tuyas
3ª sing.	seus/seus sua/suas	sou/sous sue/sues	suyo/suyos suya/suyas
1ª pl.	nosso/nossos nossa/nossas	nuosso/nuossos nuossa/nuossas	nuestro/nuestros nuestra/nuestras
2ª pl.	vosso/vossos vossa/vossas	buosso/buossos buossa/buossas	vuestro/vuestros vuestra/vuestras

²¹ Por considerá-las mais ilustrativas das diferenças interidiomáticas em causa, apenas consideraremos, neste quadro, as formas pronominais tónicas com função de sujeito, bem como as átonas com funções de objecto directo e objecto indirecto. De entre estas, apresentaremos tão somente as formas morfológicamente afins nos três idiomas, dispensando uma inventariação exaustiva dos pronomes de cada língua.

²² Esta forma pronominal não é, no entanto, específica do mirandês. Como esclarece Leite de Vasconcelos (1890-1892: 102), ela é «geral na linguagem popular do país».

²³ Segundo Maria José Moura Santos (1967: 227), as formas átonas *mos* (por *nos*) também surgem no português falado noutras regiões do país.

²⁴ Observe-se que a ocorrência de [b] em vez de [v], aqui ilustrada pelas formas da 2ª pessoa do plural, é uma característica que também é geral e pujante no português setentrional. A ausência de [v] é, aliás, um dos fenómenos que aproxima o mirandês do português setentrional e do castelhano, afastando-o do português padrão.

3ª pl.	seu/seus sua/suas	sou/sous sue/sues	suyo/suyos suya/suyas
---------------	----------------------	----------------------	--------------------------

Quadro VII
Artigos definidos e indefinidos em português, mirandês e castelhano

Artigos definidos			Artigos indefinidos		
Português	Mirandês	Castelh.	Português	Mirandês	Castelh.
o/os a/as	l/l la / l'/las	e/l/los la/las	um/uns uma/umas	un/uns ũa/ũas	un/unos una/unas

Já no que concerne aos verbos e, particularmente, aos regulares, distinguir-se-ão diversos tipos de diferenças em relação ao português e ao castelhano, mormente ao nível das alterações sofridas, nas formas verbais flexionadas, pela vogal temática (VT) (tal como nos idiomas vizinhos, em mirandês esta pode ser *-a*, *-e* ou *-i*) e da configuração de alguns morfemas de pessoa/número (PN), bem como de tempo/modo/aspecto (TMA)²⁵. Nos quadros VII a XII relativos aos verbos regulares, encontramos sintetizadas as principais diferenças entre os paradigmas flexionais verbais de cada um dos idiomas²⁶.

Quadro VII
Verbos de tema em -a: comportamento da vogal temática nas formas do pretérito perfeito do indicativo em português, mirandês e castelhano

PN	Português	Exemplo	Mirandês	Exemplo	Castelhano	Exemplo
2ª sing.	VT sem alterações	cantaste	VT <i>a > e</i>	canteste	VT sem alterações	cantaste
1ª pl.		cantámos		cantemos		cantamos
2ª pl.		cantastes		cantestes		cantasteis
3ª pl.		cantaram	cantórun	cantaron		

Quadro VIII
Verbos de tema em -e: comportamento da vogal temática em português, mirandês e castelhano

	Português	Exemplo	Mirandês	Exemplo	Castelhano	Exemplo
Pret.	VT sem alterações	comeu	VT <i>e > i</i> ²⁷	comi <u>u</u>	VT <i>e > i</i>	comi <u>ó</u>
Perf. Ind.		comeram		comi <u>r</u> un	VT <i>e > ie</i>	comi <u>er</u> on
Imperf. Conj.		come <u>s</u> se		comi <u>s</u> se	comi <u>e</u> se/	
Mais q. Perf. Ind.		comera		comi <u>r</u> a	comi <u>e</u> ra ²⁸	
Fut. Conj.		com <u>e</u> r		comi <u>r</u>	comi <u>e</u> re	

Quadro IX
Verbos de tema em -i: comportamento da vogal temática

- ²⁵ Tomámos por referência, em todos os quadros, a proposta de análise morfológica dos verbos portugueses (com adaptações) de Maria Helena Mira Mateus *et al.* (2003: 931-938), a ela tendo conformedo, por questões de facilitação do cotejo interlinguístico, a análise morfológica dos verbos não só do mirandês, mas também do castelhano. Uma proposta de análise alternativa para as formas do castelhano é, por exemplo, a de Santiago Alcoba (1999).
- ²⁶ As formas verbais do castelhano que surgem nos quadros são as que se considerarão morfológicamente equiparáveis às correspondentes portuguesas e mirandesas. A organização destes quadros não leva, deste modo, em conta equivalências de tipo semântico-funcional entre as formas verbais dos três idiomas.
- ²⁷ Este tipo de alteração também ocorre no português falado na região mirandesa (Maria José Moura Santos, 1967: 232 e Leite de Vasconcelos, 1901b: 133).
- ²⁸ Esta forma alternativa do imperfeito do conjuntivo surge neste local na medida em que é morfológicamente equiparável às do mais-que-perfeito do indicativo do português e do mirandês. Cf. a este propósito a observação feita na [nota 18](#).

em português, mirandês e castelhano

	Português	Exemplo	Mirandês	Exemplo	Castelhano	Exemplo
P.Perf. Ind.	VT sem alterações	partiram	VT sem alterações	partirun	VT <i>i > ie</i>	partieron (apenas 3ª p. pl.)
Imperf. Conj.		partisse		partisse		partiese/
Mais q. Perf. Ind.		partira		partira		partiera
Fut. Conj.		partir		partir		partiere

Quadro X

Morfema NP de 3ª pessoa do plural em português, mirandês e castelhano

	Português	Exemplo	Mirandês	Exemplo	Castelhano	Exemplo			
Pres. Indic.	(VT+) /wN/ ²⁹	cant <u>am</u>	(VT+) /N/	cánt <u>an</u>	(VT+) /n/	cantan			
	(VT+) /jN/	com <u>em</u> part <u>em</u>		cómen párt <u>en</u>		comen parten			
Pres. Conj.	(TMA+) /jN/ ou /wN/	cant <u>em</u> com <u>am</u> part <u>am</u>	(TMA+) /N/	cánt <u>en</u> cóm <u>an</u> párt <u>an</u>	(TMA+) /n/	canten coman partan			
Imperf. Ind.		cantav <u>am</u> com <u>iam</u> part <u>iam</u>		cantab <u>an</u> com <u>ien</u> part <u>ien</u>		cantaban comían partían			
Imperf. Conj.		cantass <u>em</u> comess <u>em</u> partiss <u>em</u>		cantáss <u>en</u> comíss <u>en</u> partíss <u>en</u>		cantasen comiesen partiesen/			
Mais q. Perf. Ind.		cantaram comeram partiram		cantáran comíran partíran		cantaran comieran partieran			
Futuro Ind.		cantar <u>ão</u> comer <u>ão</u> partir <u>ão</u>		cantaran comeran partiran		cantarán comerán partirán			
Futuro Conj.		cantare <u>m</u> comere <u>m</u> partire <u>m</u>		cantáren comíren partíren		cantaren comieren partieren			
Condi-cional		cantari <u>am</u> comeri <u>am</u> partiri <u>am</u>		cantarien comerien partirien		cantarían comerían partirían			
Pret. Perf. Ind.		/rawN/		cantaram comeram partiram		/ruN/	cantórun comírun partírun	/rɔn/	cantaron comieron partieron

Quadro XI

Morfema NP de 2ª pessoa do plural em português, mirandês e castelhano

	Português	Exemplo	Mirandês	Exemplo	Castelhano	Exemplo
--	-----------	---------	----------	---------	------------	---------

²⁹ A forma de denominar e analisar a unidade fonológica nasal, aqui representada, por conveniência de notação, à maneira estruturalista e funcionalista, i.e., como arquifonema nasal (cf. J. Mattoso Câmara Jr., 1996: 52 e Jorge Morais Barbosa, 1994: 153-155 e 171-173), é questão que está longe de ser pacífica. Abordagens gerativistas, por exemplo, têm-na considerado, ora como segmento [+consonântico; +nasal] subjacente, envolvido, na derivação das formas fonéticas, em regras de assimilação e de supressão (cf. Maria Helena Mira Mateus *et al.*, 1990: 346-347), ora, e mais recentemente, já no âmbito da teoria da geometria de traços, como um autosssegmento nasal (Maria Helena Mira Mateus e Ernesto d'Andrade, 2000: 54-56, 74-77 e 130-133). Sem pretender optar por nenhum modelo em particular, limitar-nos-emos a constatar que, seja qual for a corrente fonológica perfilhada, nenhum destes investigadores nega a existência de uma entidade fonológica de natureza nasal adjacente à vogal, essa que, e precisamente por tal facto, manifesta, foneticamente, o traço [nasal]. A situação do mirandês é, quanto a este aspecto, análoga à do português.

Imperf. Ind.	<i>-des > -is</i> ³⁰	<u>cantáveis</u> <u>comíeis</u> <u>partíeis</u>	<i>-des</i> sem alterações	<u>cantábades</u> <u>comiedes</u> <u>partiedes</u>	<i>-is</i>	<u>cantabais</u> <u>comíais</u> <u>partíais</u>
Imperf. Conj.		<u>cantásseis</u> <u>comêsseis</u> <u>partísseis</u>		<u>cantásseides</u> <u>comíssedes</u> <u>partísseides</u>		<u>cantaseis</u> <u>comieseis</u> <u>partieseis/</u>
Mais q. Perf. Ind.		<u>cantareis</u> <u>comereis</u> <u>partireis</u>		<u>cantárades</u> <u>comírades</u> <u>partírades</u>		<u>cantarais</u> <u>comierais</u> <u>partierais</u>
Condicional		<u>cantaríeis</u> <u>comeríeis</u> <u>partiríeis</u>		<u>cantariades</u> <u>comeriedes</u> <u>partiriedes</u>		<u>cantaríais</u> <u>comeríais</u> <u>partiríais</u>

Quadro XII
Morfemas TMA: diferenças entre o português, o mirandês e o castelhano

	Português	Exemplo	Mirandês	Exemplo	Castelhano	Exemplo
Imperf. Indic.	VT <i>a = va</i>	<u>cantava</u>	VT <i>a = ba</i>	<u>cantaba</u>	VT <i>a = ba</i>	<u>cantaba</u>
	VT <i>e</i> ou <i>i = ia</i>	<u>comia</u> <u>partia</u>	VT <i>e</i> ou <i>i = ie</i>	<u>comie</u> <u>partie</u>	VT <i>e</i> ou <i>i = ia</i>	<u>comía</u> <u>partía</u>
Condicional	<i>r++ia</i> ³¹	<u>amaria</u> <u>comeria</u> <u>partiria</u>	<i>r++ie</i>	<u>amarie</u> <u>comerie</u> <u>partirie</u>	<i>ría</i>	<u>cantaría</u> <u>comería</u> <u>partiría</u>

4. Conclusão

Neste trabalho ilustrámos, de forma sintética, até que ponto a individualidade do mirandês face ao português e ao castelhano resulta da filiação asturo-leonesa do idioma minoritário e, logo assim, da posição por si ocupada no *continuum* românico pensinsular. Procedemos, para além disso, à caracterização das relações que, no plano sociolinguístico, hoje subsistem entre as três línguas em contacto na Terra de Miranda, procurando, por essa via, encontrar indícios reveladores da viabilidade e vitalidade futuras do mirandês.

A título de conclusão, e na sequência da descrição feita, é seguro afirmar que a actual situação do mirandês é profundamente paradoxal. Munido de uma norma gráfica, gozando de reconhecimento legal e ensinado na escola, essenciais instrumentos que o valorizam e promovem ao olhos dos seus falantes, nunca antes na sua história o idioma minoritário esteve, deste ponto de vista, tão preparado para o futuro. Contudo, considerando o reduzido

³⁰ Maria Helena Mira Mateus *et al.* (2003: 935) consideram que, em português, a forma subjacente do morfema NP de 2ª pessoa do plural é *-des*, forma que se sujeita, no entanto, na maior parte dos casos, à aplicação de regras várias que conduzem, em última análise, à forma *-is*. A forma *-des* é, como se sabe, arcaica (vd. Leite de Vasconcelos, 1882: 21, n. 21 e Menéndez Pidal, 1962: 98-99), mantendo-se, no português padrão contemporâneo, «quando em contextos não-intervocálicos: no SbFt [futuro do conjuntivo] e infinitivo flexionado, precedido de *r-* *amardes*, *fazerdes*, *fizerdes*; ou precedido de entramento nasal, como em *vindes*, *vinde*, *tendes*. Ocorre também em verbos monossilábicos em contextos intervocálicos (*ledes*, *lede*, *credes*, *crede*, *ides*, *ide* etc.)» (Rosa Virgínia Mattos e Silva, 1994: 47). Como se constata através do presente quadro, em mirandês a desinência arcaica tem bastante mais vitalidade do que em português. Para além, pois, das do futuro do conjuntivo e do infinitivo pessoal, regista-se, igualmente, nas formas do imperfeito (indicativo e conjuntivo), mais-que-perfeito do indicativo e condicional. Segundo a informação de Maria José Moura Santos (1967: 230), *-des* também surge no português trasmontano, embora mais intensamente nas formas do imperfeito e do mais-que-perfeito do indicativo.

³¹ O sinal ++ representa a possibilidade de mesóclise na posição indicada (ex. *amaria + te = amar-te-ia*).

número dos seus efectivos falantes, em associação com os actuais padrões de transmissão geracional do idioma minoritário, dir-se-á também que nunca antes esteve numa posição tão próxima do limiar da sobrevivência. Este cenário, povoado de sinais contraditórios, torna o futuro do mirandês especialmente difícil de prever; se vários factos indiciam o caminho da inevitável eliminação deste secular reduto asturo-leonês em território português, outros não deixam de se interpor nesse mesmo caminho, oferecendo resistências ao processo de atrofiamento em marcha.

Façamos eco, por fim, da conclusão do artigo que recentemente escrevemos sobre o processo, em curso, de normativização do mirandês (Cristina Martins, no prelo). Aí defendemos que «a preservação do mirandês, ao mesmo tempo que é beneficiada pelas acções que o requalificam social e simbolicamente aos olhos dos seus potenciais utentes, dependerá, simultaneamente, da própria melhoria das condições sociais, culturais e educacionais desses mesmos potenciais utentes». Com efeito, julgamos que os mirandeses apenas recuperarão o uso activo do idioma que os individualiza quando (e se) se vierem a sentir suficientemente confiantes de que tal uso não só não ameaça, como antes promove a obtenção e consolidação da superior condição social almejada. Para que tal aconteça, será essencial que os mirandeses reúnam as condições necessárias para que se sintam verdadeiramente seguros de si enquanto sujeitos sociais.

Bibliografia citada

- ALCOBA, Santiago (1999): «La flexión verbal», in BOSQUE, I. e DEMONTE, V. (dir.): *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 3, Madrid, Espasa, 4915-4991.
- BARBOSA, Jorge Morais (1994): *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*, Coimbra, Livraria Almedina.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso (1996): *Estrutura da língua portuguesa*, 25ª edição, Petrópolis, Vozes.
- CARVALHO, José Gonçalo Herculano de (1957): «Fonologia mirandesa I», *Biblos*, 33, 1-133.
- (1973): «Porque se fala dialecto leonês em Terra de Miranda», *Estudos linguísticos*, vol. 1, 2ª ed., Coimbra, Atlântida Editora, 71-93.
- CRUZ, Luísa Segura da, João SARAMAGO e Gabriela VITORINO (1994): «Os dialectos leoneses em território português: coesão e diversidade», *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, 281-293.
- FERGUSON, Charles A. (1959): «Diglossia», *Word*, 15, 325-340.
- FERREIRA, Manuela Barros (1994): «A limitrofia do sendinês», *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, 35-42.
- (1995): «O mirandês e as línguas do Noroeste peninsular», *Lletres Asturianas. Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana. Principáu d'Asturies*, 57, 7-22.
- FERREIRA, Manuela Barros e Ana Maria MARTINS (1987): «O mirandês nos atlas linguísticos», *Actas das 1ªs Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*, Miranda do Douro, 33-42.
- FERREIRA, Manuela Barros e Domingos RAPOSO (coord.) (1999): *Convenção ortográfica da língua mirandesa*, Miranda do Douro/Lisboa, Câmara Municipal de Miranda do Douro/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986): *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- (1996): «Mirandês», in ALVAR, Manuel (org.): *Manual de dialectología hispánica. El Español de España*, Barcelona, Editorial Ariel, S.A., 159-170.
- MARTINS, Cristina (1994a): «O desaparecimento do mirandês na cidade de Miranda do Douro: uma leitura dos *Estudos de filologia mirandesa* de José Leite de Vasconcelos», *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, 95-105.
- (1994b) - *Estudo sociolinguístico do mirandês. Padrões de alternância de códigos e escolha de línguas numa comunidade trilingue*, 2 vol., dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, inédita.
- (1997): «A vitalidade de línguas minoritárias e atitudes linguísticas: o caso do mirandês», *Lletres Asturianas. Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana. Principáu d'Asturies*, 62, 7-42.

- (2002): «A situação sociolinguística do mirandês e a lei 7/99 de 29 de Janeiro», *Anclabes lhenguísticas na Union Ouropeia. V Simpósio de Lhénguas Ouropeias i Legislações. Miranda do Douro, 25—28 de Abril de 2002*, Barcelona, CIEMEN, 47-63.
- (2003): *Línguas em contacto: “saber sobre” o que as distingue. Análise de competências metalinguísticas de crianças mirandesas em idade escolar*, dissertação de Doutoramento em Linguística Aplicada apresentada à Universidade de Coimbra, inédita.
- (no prelo): «O processo de normatização do mirandês», in SINNER, Carsten (ed.): *Präskriptive und deskriptive Normen und Normkonflikte in der Romania*, München, Peniope.
- MATEUS, Maria Helena Mira e Ernesto d'ANDRADE (2000): *The Phonology of Portuguese*, Oxford, Oxford University Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii (1990): *Fonética, fonologia e morfologia do português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii (2003): *Gramática da língua portuguesa*, 5ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Editorial Caminho.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1962): *El dialecto leonés*, Oviedo, Instituto de Estudios Asturianos.
- (1968): *Orígenes del Español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, 6ª edição, Madrid, Espasa.
- MOURINHO, António Maria (1987): «A língua mirandesa como vector cultural do Nordeste português», *Actas das 1ªs Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*, Miranda do Douro, 75-87.
- SANTOS, Maria José Moura (1967) - *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XII, tomo II, XIII e XIV, Coimbra.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (1994): *O português arcaico: morfologia e sintaxe*, S. Paulo, Contexto.
- SIMPSON, J. M. Y. (1994): «Minority Languages», in ASHER, R.E. (ed.): *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, vol. 5, Oxford, Pergamon Press, 2505-2506.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1882) - *O dialecto mirandês. Contribuição para o estudo da dialectologia românica no domínio glotológico hispano-lusitano*, Porto, Livraria Portuense.
- (1890-1892): «Dialectos trasmontanos», *Revista Lusitana*, 2, 97-120.
- (1900 e 1901a) - *Estudos de filologia mirandesa*, vol. 1 e 2. Lisboa, Imprensa Nacional, 2ª ed. fac-similada comemorativa do cinquentenário da morte do Autor, Miranda do Douro, Câmara Municipal de Miranda do Douro, 1992 e 1993.
- (1901b): *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris/Lisboa, Aillaud & Cie.
- ZAMORA VICENTE, Alonso (1960): *Dialectología española*, Madrid, Ed. Gredos, 71-159.